

ANGOLA

UM LIVRO PARA RECORDAR

«Angola... o canto do cisne».

A emboscada do capulo e muitas outras histórias

Pedro Gomes

Natural do Porto - 2º Sargento Enfermeiro - Angola, 1969/1971

A razão primeira de, ciclicamente, se voltar à Guerra Colonial Portuguesa é, para mim, muito mais do que uma questão de ajudar a mostrar o que ela foi, a guerra e as suas nefastas consequências, do que continuar a sentenciá-la, meio século depois.

Muito já foi escrito sobre o tema e segundo todos os pontos de vista – embora também ache nunca ser demasiado evocar o sacrifício, a dor, o ressentimento, as mazelas no corpo e na mente de tantos milhares de jovens. Se o fizermos, estamos a passar uma borracha sobre o mais trágico, e sobretudo longo, episódio da história contemporânea de Portugal.

A GUERRA DE GUERRILHA

Ir combater para terrenos e climas totalmente ignorados e da mais severa agrura, não numa guerra clássica, mas na chamada 'guerra de guerrilha', considerada a mais ingrata de todas as guerras, inimigo acoitado na mata, mal equipado nos primeiros anos da 'revolta armada' - mas tirando superior partido por ser 'invisível', imprevisto na ação, e beneficiando de constrangimentos vários das nossas tropas, pouco preparadas e mal equipadas (exceção às tropas de elite, Comandos, Paras e Fuzileiros), veio a revelar-se o escusado

passaporte de uma geração que foi... *ainda além da Taprobana.*

No ano passado, e pela comemoração do 50º aniversário da partida para Angola da minha Companhia, toda a efeméride de 48 meses ao serviço da Pátria, 26 dos quais em zona de guerra, não mais se alheou de mim, do 'objeto' desse súbito reencontro e como dar-lhe continuidade.

RETRATO DAS MINHAS VIVÊNCIAS

Aqui nasce o *Angola ...o canto do cisne*, a ideia desprezível de colocar no papel algumas das minhas vivências, embora sem a soberba de tentar historiar a vida da CCAÇ2501. Foi como que o reativar de um espaço letárgico no meu subconsciente, anos e anos inativo, mas aos poucos, ir tomando consciência dos desfechos inglórios ao nível da saúde – ou da falta dela – dos traumas procedentes do *stress* de guerra que vivem, hoje e ainda, milhares de ex-combatentes deixados à sua sorte, agraciados, muitos deles, não com medalhas ou louvores, mas com atestados de incapacidade a zeros, sequelas que não mais desgrudarão até ao juízo final!

O tema "Guerras Coloniais" perdurou como tabu -- anos ainda após a madrugada libertadora do 25 de abril

de 1974.

Não raras eram as inexplicáveis barreiras que escritores e jornalistas, homens e mulheres do teatro, da revista, do cinema, tiveram que transpor, a pulso, a fim de 'documentar', no papel, na tela ou no palco, incómodas memórias, mormente recordado-se o colossal esforço de guerra empregue pelo Regime, enquanto grassavam por cá as maiores taxas de analfabetismo (1970 homens 19,70%/mulheres 31%) e de mortalidade infantil de 55,5%, aliadas à pobreza, ao desemprego, à emigração.

A 2ª edição do *Angola ...o canto do cisne* foi a sequência natural (e imprevisível, diga-se) que surgiu, esgotada que se encontrava a 1ª edição. Esta oferece, agora, com o devido distanciamento e em 'suplemento' - de cariz desaconselhável a pessoas sensíveis - a minha narrativa da "*Emboscada do Capulo*", uma das mais terríficas dos anos 70 no norte de Angola, onde relato a maior perda em combate de homens da minha Companhia (e de todo o Batalhão) com testemunhos reais colhidos já em 2020, junto dos poucos que sobreviveram a esse massacre.

"O Angola ...o canto do cisne"

Contacte o autor.

Email: pedromariosgomes@sapo.pt

Tel: 00351. 91 783 80 89

A baixa do chimbete foi alvo de reconhecimento oficial nos Registos da Companhia de Caçadores 2503, sediada no Chimbete – Norte de Cabinda

(...) De repente e irrompendo como uma bomba e mesmo à minha frente, um estampido soa na calmaria que inunda o planalto, cujo sopro do rebentamento atira-me ao chão. Dou comigo aterrorizado, cheio de sangue nas mãos e pingando da cara, dolmen do camuflado com bocados de carne agarrados. Ainda por terra e mexendo apenas os olhos, mantenho-me imóvel, temendo admitir o evidente: aquela espécie de 'miudezas' sanguinolentas, à frente do meu queixo e espalhadas entre as raízes e as pedras eram minhas, tinha chegado a minha hora!

"- Foi o chimbete meu capitão, foi o chimbete", grita o 'alentejano'"

O bravo canídeo e mascote da CCAÇ2503 - a quem eu ia dando as bolachas que trazia no bolso, já moles do calor do corpo e umas festas na cabeça -, raramente saía do meu lado, da minha volta, acabava de retribuir com a vida, aqueles singelos mimos, acionando uma mina antipessoal ao saltar mais um obstáculo e fruto do peso da sua envergadura.

O engenho enterrado à superfície e no trilho onde seguíamos, trazia um nome como destinatário: O MEU.

Uma torrente de sangue escorria, perna abaixo, do lado direito da minha cintura. Desta vez e sem dúvidas era meu! Um estilhaço da mina havia perfurado o espesso dolmen e as calças do camuflado, antes de se ir alojar na carne. Ficou a cicatriz, hoje ainda bem visível: a medalha da Campanha de África que nunca recebi (...)



RECORDAÇÕES DA GUERRA EM ANGOLA

“Chimbete o inesperado amigo que me salvou a vida à custa da sua”

PEDRO GOMES

Escreveu um livro maravilhoso sobre a guerra em Angola que hoje lhe apresentamos aqui e que retrata o sofrimento que tantos soldados passaram no decurso da guerra colonial.

Esta é a entrevista com o autor onde nos fala disso mesmo e da sua experiência pessoal como enfermeiro em tempo de guerra...

COMO FOI A CHEGADA A LUANDA?

Logo após o desembarque do luxuoso pacote Vera Cruz, no término de uma viagem em excelentes condições, esta continuaria por via férrea até ao *Grafanil*, Unidade Militar que rececionava todos os contingentes recém-chegados a Angola. Para o efeito, aguardava-nos um comboio de mercadorias, composto por várias dezenas de vagões, usados para o transporte de gado vivo. Estes vagões em nada se distinguiam dos usados pelos alemães na deportação de judeus, ciganos e não só, para *Auschwitz*.

Esta ‘singularidade’ como cartão de visita, permanecerá para sempre na minha mente.

E QUAL FOI O DESTINO DA SUA COMPANHIA?

A minha Companhia, a CCAÇ2501, teve como destino o *Caio Guembo*, um velho conjunto de construções sem água e eletricidade, ‘semeado’ na mata e algures ao norte de Cabinda, isolado de tudo e de todos. Um inóspito lugar a escassa lonjura do *Congo Brazzaville*, separado por duas fiadas de arame farpado, ferrugento, e sem sentido.

Outradas companhias do BCAÇ2871 seguiu para *Sanga Planície*, outra para o *Chimbete*. A Companhia de Comandos e Serviços (CCS) ficou no *Belize*, onde todas as outras se dirigiam, semanalmente, a fim de se abastecerem de tudo quanto era necessário para o normal (!) funcionamento de uma unidade em intervenção constante. Os cerca de 30 quilómetros do *Caio Guembo* a *Belize* e na época das chuvas, chegaram a demorar 5, 6, 8 ou mais horas a percorrer! Para tal, bastava que uma ou outra viatura ficasse atascada nos trilhos de lama -- que não raras vezes cobria boa parte das enormes rodas de uma *Berliet*. Perímetro de segurança montado e, à força de guinchos e cabos, mas, sobretudo a pulso de dezenas de homens, picaretas e pás, exaustão e muito suor,

o comboio de viaturas retomava a sua marcha de caracol ...até à próxima paragem. Permanecemos 12 meses neste exíguo ponto do mapa da próspera nação africana...

COMO ERA O DIA-A-DIA DAS TROPAS?

Não tínhamos completado os primeiros 3 meses de África, e já havia a chorar a primeira vítima mortal, um 1º cabo mecânico em acidente com o capotamento de um *Unimog*. Provavelmente por ter sido a primeira baixa, acrescido o facto de não sabermos lidar com as emoções daí resultantes, o choque custou muito mais a assimilar. Ficou uma lápide em gélido mármore ornada com uns ramos de silvas bravas.

A nossa existência arrastava-se, pachorrentamente e sem chama, prometendo ali resistir por mais 12 meses. Estar só (com mais 150 homens sós) foi tarefa dantesca, tendo o nada mesmo ali à mão, memórias a desvanecerem-se, olhos fechados a reinventarmos-nos: a família, as namoradas, os amigos, o mar, os fados, os toiros, as festas e romarias, enfim, a ‘ficção’ de voltarmos a dobrar a Barra do Tejo, o nosso Bojador.

A FUNÇÃO DAS TROPAS NO TERRENO ‘LIMITAVA-SE A FAZER A GUERRA’, OU EXISTIA ALGUMA INTERAÇÃO JUNTO ÀS POPULAÇÕES?

É verdade, havia a chamada Ação Psicossocial no caso de existirem aldeias na área adstrita aos aquartelamentos. A nossa área de ação dispunha de duas, uma muito próxima, a sanzala do *Caio Guembo*, e a do *Quissoqui*, a alguns quilómetros. Na enfermaria da unidade, recebíamos para consulta e/ou tratamentos os 150 militares, tal qual os ‘sempre enfermos’ nativos, que nunca faltavam ao xarope *Benetussin*... que davam aos miúdos como compota para porem no pão!

Um acidente de percurso retirou-me o médico logo nos primeiros meses, levando que a CCAÇ2501, em grande parte do tempo, só dispusesse de mim e dos meus 3 cabos enfermeiros. Quinzenalmente, ainda prestávamos assistência sanitária no terreno às ditas populações. Não posso negar que foram meses muito duros e plenos de responsabilidades.

Mas, e como perguntou, a ação dos militares não se resumia a ‘fazer ataques’. A proteção de aldeias indefesas



Antes do cair definitivo da noite, os últimos preparativos. *Guiguirá* avisa a população para se manter em silêncio. A escuridão torna-se total. Estou deitado de bruços. Há um bebé a chorar. Esta gente porta-se bem, mas vai ser impossível impedir o choro das crianças, e a tosse. Por isso, penso, os guerrilheiros não terão dificuldade em detetar-nos. Quando isso acontecer, a noite ficará subitamente iluminada por poderosos *very lights*, sobre nós cairá uma chuva torrencial de balas e granadas. Será o fim.

e alvos fáceis aos saques e massacres dos ditos guerrilheiros, também era ta” – As primeiras sombras já aí andam. Reunimos a população. A toda a volta, em círculo, o que resta do grupo de combate. Somos poucos para tão grande perímetro. O que trarão as trevas? Acampar junto da base é violar princípios básicos de segurança.

Antes do cair definitivo da noite, os últimos preparativos. *Guiguirá* avisa a população para se manter em silêncio. De volta, traz-me um aviso: há uma *muana* (rapariga) perigosa... Como? Ele explica: «ficou com *cocuana* (velha), mas pode arrepender... Se dá no fugir...corre como bicho do mato». A rapariga, olhos amendoados de corça bravia, exige, de facto, vigilância. A escuridão torna-se total. Estou deitado de bruços. Há um bebé a chorar. Esta gente porta-se bem, mas vai ser impossível impedir o choro das crianças, a tosse. Por isso, penso, os guerrilheiros não terão dificuldade em detetar-nos. Quando isso acontecer, a noite ficará subitamente iluminada por poderosos *very lights*, sobre nós cairá uma chuva torrencial de balas e granadas. Será o fim.

(Excerto do livro “Não sabes como vais morrer”, de Jaime Froufe de Andrade, alferes mil. ranger - Moçambique/1968/70 - Edição Associação dos Jornalistas e Homens de Letras do Porto)